E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; e o bezerro, e o filho de leão, e a nédia ovelha viverão juntos; e um menino pequeno os guiará.

Isaías 11:6

INTRODUÇÃO

Publicado pela primeira vez em 1981, *O Homem Sem Cara* foi apenas o meu terceiro livro a ser impresso. Escrevi-o há quase quarenta anos, durante os meus últimos dois anos como jornalista em Glasgow.

Quando o meu editor da Quercus sugeriu a reedição, voltei a lê-lo pela primeira vez em décadas e fiquei impressionado com a atualidade do tema e do cenário no contexto do mundo de hoje. A história decorre no inverno de 1979. O cenário é Bruxelas. O pano de fundo é uma eleição geral britânica e um debate político sobre a adesão da Grã-Bretanha à União Europeia.

Fui atingido, também, pela sua semelhança com o cinema *noir* (não diferente do Scandi Noir de hoje), dos assassinatos a meio de um inverno sombrio, numa cidade coberta de neve, assim como as observações culturais daquele tempo que passaram, há muito, à história. Falo de garrafas de leite à porta. De máquinas de escrever em vez de computadores. Numa era pré-internet, pré-telemóvel, quando o fluxo de informação era infinitamente mais lento.

A paisagem política também mudou. Em 1979, o governo do *apartheid* na África do Sul era considerado um pária internacional, com sanções impostas pelas Nações Unidas. Assim, também, o regime ilegal de Ian Smith na vizinha Rodésia, que logo se tornaria o estado independente do Zimbábue.

Uma das personagens do livro é uma criança autista. Nos quarenta anos desde que foi escrito houve muitos avanços na compreensão e no tratamento desta circunstância. O que aparece no livro é um reflexo da opinião prevalecente na época.

Pus em prática o que descreveria como uma revisão leve do texto antes da publicação, e dei por mim a dialogar com o meu eu de 27 anos. Tenho a certeza de que o meu eu mais novo contestaria algumas das mudanças (mínimas) que fiz mas, no final, quarenta anos de vida e de experiência de escrita prevaleceram.

Finalmente, devo dizer que estou encantado com *O Homem Sem Cara*, e espero que vocês também o apreciem.

Peter May
França, 2018

CAPÍTULO 1

Kale viu o comboio através do vidro salpicado de chuva e pensou: *esta será a última vez.* Mas mesmo ao formar-se na sua mente, o pensamento coagulou e ele sabia que iria matar novamente.

Girou o cigarro nervosamente entre os dedos manchados de nicotina e bebeu os últimos goles azedos do café. A máquina de café no balcão assobiou e emitiu vapor, e com a chuva a principiar lá fora a janela começava a embaciar. As primeiras gotas de condensação formaram-se e desceram em claras linhas ao longo dela.

Um velho sentou-se no canto a fazer o seu café por último, de forma a manter-se no calor, e uma mulher de pesado semblante, atrás do balcão, sentou-se a fumar um cigarro e a prestar atenção a Kale. Ela já o tinha visto algures. Um lugar como este era um fluxo constante de homens e mulheres que haviam tido melhores dias. Lá estava o fato familiar, talvez caro, em tempos, mas agora desgastado nas mangas, amassado, folgado, brilhante nos cotovelos e no rabo. O velho sobretudo azul, coçado e manchado de café na frente, com caspa no colarinho. As roupas boiavam no seu corpo magro. Ela já tinha visto pior, mas talvez este estivesse apenas a começar.

Ele teria cerca de trinta e nove ou quarenta anos, cabelo ralo, lambido para trás. Uma cara cavernosa com maçãs do rosto altas;

pele clara, pálida, ligeiramente amarela, sem linhas definidas. Eram os olhos dele que lhe interessavam, se fosse possível dizer que ela estava interessada em algo. Eram olhos escuros, profundos, muito próximos, e queimavam com uma intensidade sombria que ela não havia visto antes. Havia algo taciturno no rosto dele, mas não era um rosto derrotado como o do velho no canto – como eram a maioria dos rostos que vinham para aqui fitar intermináveis copos de café.

Kale apanhou-a a olhar para ele e ela desviou o olhar rapidamente, tornando-se consciente pela primeira vez de que estava realmente com medo daqueles olhos... quase intimidada por eles. *Estás a deixar-te levar pela imaginação, Nance*, disse ela para si mesma sem convicção.

– Hey, tu! – gritou ela, com uma voz tão dura quanto o seu rosto, para o velho no canto. Uma voz *cockney*, bem distante da sua terra natal. – Já bebeste o teu café! Andor!

O velho olhou para cima com resignação. Tinha aprendido a aceitar tais coisas. Habituaste-te a elas, assim como te habituaste à dor constante de uma úlcera. Empurrou para trás a cadeira onde estava sentado, levantando-se lentamente com o que poderia ter sido uma tentativa de dignidade, e arrastou-se, passando o balcão e saindo para a chuva.

Nance só o tinha feito para tirar Kale da sua mente, mas agora apercebera-se da sua loucura. Tinha ficado sozinha com ele. Deitou fora o cigarro meio fumado e acendeu outro entre os lábios finos e pintados, avançou para a *jukebox* e socou duas vezes o *play*. O som fá-la-ia sentir-se mais segura mas, ainda assim, desejava chamar o velho de volta.

Mas ela não precisava de se preocupar, pois Kale mal tinha notado a partida do velho, e apenas se irritara ligeiramente quando a *jukebox* começou a berrar um êxito de um disco riscado. E Nance não lhe interessava, de todo. Ele estava a pensar no seu encontro com Swinton num salão de chá de Londres, três dias antes.

Swinton era um homem pequeno, gordo e ocupado. Sentara-se numa mesa de madeira à frente de Kale. Uma daquelas pessoas que transpiram constantemente.

— É um dos grandes, Kale — disse ele com um ar de confidencialidade, inclinando-se sobre a mesa e respirando o seu hálito a alho para o outro homem. — Há muito dinheiro desta vez. Podias aposentar-te. Onde estavas, de qualquer maneira? Os rapazes pensavam que talvez estivesses morto ou assim. Há mais de uma semana que a notícia anda a circular.

Kale sentia-se desconfortável, ali, rodeado por senhoras idosas a beberem chá de chávenas de porcelana. Mas Swinton insistiu que seria melhor não se encontrarem no *pub* do costume. — Quanto e quem está a pagar?

O sorriso de Swinton alargou-se. — Oh, então, Willy. Tu conheces-me. Mesmo que soubesse, não te diria. Mas a verdade é que, desta vez, nem eu sei quem é. — Ele parou e recostou-se enquanto uma empregada corria com uma pilha de chávenas vazias e pires numa bandeja, e, em seguida, inclinou-se para a frente novamente. — Não é como habitualmente. Lidarás diretamente com a pessoa. Eu recebo a minha comissão por te contactar, mas juro por Deus que não sei quem está a pagar.

— Quanto?

— Cem mil dólares, Kale. Cem mil! Jesus, eu fá-lo-ia por um quarto disso, mas não estou ao teu nível. Ninguém está ao teu nível, companheiro.

Kale brincou com a sua chávena, o chá não bebido agora frio, sólidos de leite formando uma espuma na superfície. Não estava feliz. Se não precisasse do dinheiro...

— Diz-me.

Nance ficou aliviada quando Kale puxou o colarinho e empurrou a cadeira para trás. Viu-o sair pela porta, depois avançou para a mesa para recolher o copo vazio e encontrou vinte centavos sob o pires. Engraçado, pensou ela, como alguns deles nunca perdem o hábito. Talvez ele não fosse tão mau quanto parecia.

Kale atravessou o pátio do caminho de ferro, o asfalto a estalar sob os seus pés, a chuva de janeiro a picar-lhe o rosto. A locomotiva tinha deixado três vagões de carvão na linha de manobra e estava

a regressar ao terminal. À sua frente, a pequena cidade industrial erguia-se encosta acima, um emaranhado de terraços de tijolo enegrecidos. As chaminés altas das fábricas arrotavam fumaça num céu carregado à sua direita, e ele conseguia ouvir crianças a brincar nalgum lugar atrás de uma parede que se estendia ao longo da estrada até à estação. A rua de paralelepípedos brilhava com a chuva, refletindo a pobreza sombria do lugar. Na parede da estação, um cartaz erguido pelo vento apelava ao voto no Partido Trabalhista, o seu vermelho vívido contra o cinza, um sorriso no rosto do candidato acima do *slogan* – POR UMA MELHOR GRÃ-BRETANHA.

Atravessou a Church Street até à banca de jornais na esquina e ficou a olhar para a praça da cidade com a sua estátua comemorativa preta, de mãos afundadas nos bolsos do casaco. Durante três dias tinha vindo a este local todas as manhãs e todas as tardes, verificando todas as rotas de saída e entrada na praça. Agora, conhecia esta cidade tão bem como qualquer outro que tivesse andado por todas as ruas. Cada estrada que saía dela era marcada a vermelho no mapa no seu bolso, cada uma identificável por alguma característica que não podia ser vista, mas que podia ser sentida ou ouvida. Tinha sido implacável e minucioso, e ainda assim estava longe de estar satisfeito. Baralhou e observou o tráfego com cuidado. *Três dias*, disse ele a si mesmo, *não são suficientes.* O relógio na torre da igreja marcava três horas, mas não havia tocado. Os minutos passaram lentamente e a chuva parou, deixando apenas o vento frio a varrer a praça.

Ele viu a carrinha entrar pelo lado norte e observou-a enquanto passou por si, ao longo da extremidade superior e de volta novamente. Desta vez parou, uma *Ford Transit* branca. Kale viu a lama fresca espirrada, ao longo da lateral, pelas rodas dianteiras, e tomou uma nota mental da matrícula, embora duvidasse que isso lhe viesse a ser útil. Ainda assim, cada pedaço de informação poderia ajudar. Um ligeiro sorriso encurvou os seus lábios. Outros não teriam ido tão longe. Um homem pequeno, atarracado, saiu da carrinha, o seu cabelo rijo, branco, ondulando ao sabor do vento sobre uma cara castanha endurecida. Usava um casaco de lã pesado e não era o que Kale esperava. Os seus olhos azuis incongruentemente honestos.

— Kale? — disse ele. Kale assentiu com a cabeça. — Para a parte de trás da carrinha, então, rapaz. — Ele deu a volta à carrinha e abriu as portas para Kale entrar. — Aqui, coloca isto na cabeça. E não penses que podes tirá-lo quando começarmos a andar. Vou estar a ver-te pelo espelho. — Kale enfiou o capuz de algodão preto sobre a cabeça e agachou-se num tapete no chão enquanto o motorista fechava as portas. Havia pelos de cão no tapete e lama fresca nos *brogues* do homem. Apesar do bom casaco e sapatos, as mãos eram as de um trabalhador. Mãos pesadas, de pele dura, calejadas. O sotaque era nortenho, e havia nele um aspeto bucólico desgastado, desconfortável com a sua cara farda citadina. Kale ajustou os seus sentidos à escuridão, pressionando as costas contra a lateral da carrinha. Cheirava-lhe a cão e a fumo de cigarro datado.

Pareciam estar há uma eternidade às voltas pela cidade. Kale perdeu o rumo várias vezes, mas acabou sempre por voltar a perceber a sua posição. Ora através do barulho de um comboio quando se aproximaram da estação, ou da íngreme subida de paralelepípedos até à Cotton Street, ou do toque de um quarto de hora do sino da igreja na borda da nova propriedade habitacional — o único relógio na cidade. Estavam a sair agora da cidade, tinha a certeza. A rotunda no lado norte com estradas que levavam ao norte e ao oeste. O som de uma broca pneumática, e um ligeiro atraso nos semáforos temporários erguidos para obras rodoviárias. Eles tinham tomado a estrada A em direção a oeste. Era uma estrada que Kale tinha analisado no seu primeiro dia.

O motorista manteve-se na estrada A durante quase vinte minutos. Isso faria com que fossem três e quarenta. Kale verificaria as horas quando parassem. Outros sete ou oito minutos, talvez, e, em seguida, a carrinha saiu da estrada principal. Kale ouviu o clique, o clique do indicador antes de abrandar e virar na esquina, apertada, forçando o motorista a engatar a primeira mudança. Devia ser uma estrada estreita, talvez o caminho de uma quinta. A carrinha saltou e bateu sobre a superfície irregular. Kale ouviu o respingo de lama ao longo da lateral. Então pararam, e sobre o som do motor a desligar-se Kale conseguia distinguir a voz de um homem e o barulho

de cascos, do mugido do gado. Esforçou-se para perceber mais. O raspar de um portão de madeira, novamente a voz de um homem a chamar, o gado a recuar, e eles estavam a mover-se novamente, muito lentamente. Subia uma inclinação acentuada e de repente descia. Uma ponte? Sobre a água? Sim, ele conseguia ouvir a água. O motorista tinha descido a janela. E agora eles estavam a ganhar velocidade, a superfície era um pouco melhor, o assobiar, e assobiar, e assobiar de postes de cercas ou talvez árvores ao longo da estrada. Desacelerando novamente, o barulho de um mata-burro, e, em seguida, o triturar do cascalho sob os pneus. Pararam. O motorista tirou a chave da ignição e saiu.

— Não tires o capuz, rapaz. — As portas posteriores abriram-se e Kale sentiu as mãos do trabalhador a ajudá-lo. Mesmo na escuridão fechada conseguia sentir a presença de árvores e um edifício. Pedra. Algo grande, impressionante. Uma escadaria e um salão, uma colossal sensação de espaço à sua volta. Um piso de pedra, ou azulejo, talvez. O homem com o cabelo branco e as grandes mãos ásperas sentiu a tensão no braço de Kale. — Okay, rapaz. Tem calma. — Kale foi surpreendido pela estranha afabilidade da voz, a sua inocência imprópria. Este homem aparentava nada saber sobre as intenções de Kale. É estranho, pensou, o quanto uma voz pode dizer sobre um homem quando não podemos ver o seu rosto. — Aqui. — As enormes mãos guiaram-no ao longo do corredor e através de uma porta. — Podes tirar o capuz quando eu fechar a porta. Há um botão de uma campainha abaixo do interruptor da luz, quando estiveres pronto para avançar. — A porta fechou-se, a chave rodou na fechadura, e o som dos passos pesados do homem recuou pelo corredor.

Kale removeu o capuz e franziu os olhos com o brilho súbito da luz elétrica. Demorou quase meio minuto para que estes se ajustassem totalmente. Verificou o relógio. Passava ligeiramente das quatro. Então olhou ao redor. Estava numa pequena divisão. Sem janelas, sem lareira, paredes pintadas num tom creme, o piso feito de tábuas de madeira crua. Um cheiro a poeira e velhice. Talvez uma despensa. Mas não havia pistas, a sala estava completamente nua, com a exceção de um banco de madeira contra a parede mais distante. Os olhos

de Kale fixaram-se no banco. Numa das extremidades havia uma maleta, um telefone preto pesado colocado ao lado. Ele assustou-se com o toque alto do telefone — um toque curto e único. Atravessou a sala e levantou o recetor, verificando o mostrador enquanto se sentava. Não era uma linha externa, mas um telefone interno com apenas um número de extensão. Quatro.

— Kale? — uma voz arranhou-lhe o ouvido.

— Sim.

— Ótimo. Presta atenção... — A voz parecia não ter um sotaque particular, mas era uma voz educada, madura. Mesmo nas quatro palavras que Kale ouvira, detetara-lhe confiança. Um homem habituado a falar, um homem habituado a que os outros o ouvissem. — Tu e eu seremos os únicos a saber o propósito deste encontro. Tu não sabes quem eu sou, e assim continuará a ser. Eu sei muito pouco sobre ti, apenas a tua reputação. — A voz fez uma pausa. Kale deixou o silêncio arrastar-se e apercebeu-se pela primeira vez que estava com frio naquela sala vazia. De seguida, a voz voltou, insistente, exigindo a sua atenção.

— Na maleta encontrarás cinquenta mil libras em dinheiro, a primeira metade do teu pagamento. Em cima destas encontrarás uma pasta contendo duas fotografias marcadas com A e B. — Kale mudou o telefone de orelha e abriu a mala. O dinheiro estava abaixo da pasta em pacotes de notas de cem libras, mas não as contou. Pegou na pasta e abriu-a para tirar as fotografias e colocá-las lado a lado no banco.

— Escuta com atenção o que te digo, porque não receberás nada por escrito e não podes levar as fotografias contigo. Se quiseres que repita alguma coisa, pede.

— Espera. — Kale tirou um pequeno caderno de apontamentos e uma esferográfica. — Okay.

— A fotografia A é de Robert Gryffe. É um ministro de Estado no Ministério das Relações Estrangeiras. — Kale tinha reconhecido o rosto, mas fora incapaz de situá-lo. Então, assassinato político. Não significava nada para ele. — O Gryffe tem responsabilidades especiais na representação do Ministro dos Negócios Estrangeiros na Comissão Europeia da CEE em Bruxelas. Ele está lá, pelo menos,

uma semana por mês, durante a qual fica numa casa geminada que possui na Rue de Pavie, número vinte e quatro. Hoje é quinta-feira. Na manhã de domingo, Gryffe terá um compromisso, lá, para conhecer o homem retratado na fotografia B. A identidade desse homem não é importante para ti, desde que te lembres do rosto. Quero ambos os homens mortos... sem suspeita de assassinato. Como o fazes, é contigo. — A voz cessou e Kale esperou.

— Irás, então, para a Rue de Commerce, para o apartamento do último andar no bloco de apartamentos no número trinta e três. Estará vazio. Há sempre uma chave debaixo do tapete. Entra e vai diretamente até à sala de estar principal. Na parede da lareira está uma pintura de Brueghel, atrás dela um cofre na parede. A combinação é três, zero, cinco, nove, seis, dois. Dentro, irás encontrar uma mala preta...

— Roubo não é a minha praia — interrompeu Kale, com a voz baixa e fria.

O outro hesitou. — O apartamento já foi inspecionado por um profissional. Tu terás simplesmente de recolher a mala e sair. — Mais uma vez a hesitação, a relutância em responder à pergunta que Kale não havia feito. Kale estava bem ciente do poder do seu silêncio. — A mala não pode ser recolhida antes de... antes de teres cumprido a tua missão na Rue de Pavie.

— Continua.

— Irás levá-la diretamente para a Gare du Midi e depositá-la na caixa trinta e nove dos cacifos de bagagem à esquerda. A chave está colada no interior da tampa da maleta ao teu lado. Se regressares à estação ao meio-dia de segunda-feira irás encontrar mais cinquenta mil libras em dinheiro no mesmo cacifo — assumindo, é claro, que tenhas cumprido com sucesso o contrato. Tens alguma pergunta?

— Não.

— Ótimo. Então vou dar-te cinco minutos para estudares as fotografias. Se te lembrares de algo durante esse período, marca seis. Toca à campainha junto à porta quando estiveres pronto para sair e lembra-te de colocar o capuz.

Um clique e a linha caiu. Kale pousou o recetor. Acendeu um cigarro e olhou para as duas fotografias. Gryffe teria cerca de quarenta anos. Um rosto liso e próspero. O outro homem era, talvez, alguns anos mais jovem. Um rosto magro e barbudo sob uma farta cabeleira clara, ou talvez ruiva. Dois rostos anónimos. Dois homens que Kale mataria. Sabia que isso não lhe traria satisfação, mas também não haveria consciência ou remorso. Pois Kale era o assassino perfeito: frio, eficiente, mortal. Um homem que não mostrava misericórdia, uma qualidade que reservava para ninguém, nem para si.

Sentou-se por um momento enquanto desenhava lentamente com o seu cigarro uma figurinha miserável no vazio do quarto. Voltaria àquele lugar. No mapa, ou fisicamente, se necessário. Era imperativo saber quem o contratava para matar. E este tinha tomado precauções tão elaboradas para esconder a sua identidade. *Todos vocês se acham muito inteligentes*, pensou Kale. *Mas, no fim das contas, eu apanho-vos sempre, de uma maneira ou de outra*. Levantou-se, pisando o último centímetro do seu cigarro, e fechou a pasta, deixando as fotografias no banco. Pegou no capuz de algodão, e no dinheiro. Em seguida, avançou para a porta e tocou a campainha.

CAPÍTULO 2

Chovia. Não estava um dia particularmente auspicioso. Chovera no dia anterior e provavelmente choveria no dia seguinte.

Bannerman lembrou-se de um desenho que tinha visto uma vez numa velha revista *Punch*. Dois crocodilos a banharem-se num pântano, na selva, as suas cabeças viradas uma para a outra sobre as águas enlameadas. Um deles dizia: — Sabes, continuo a pensar que hoje é quinta-feira. — Bannerman sorriu. Tinha-o divertido então, como o divertia agora. Que diferença fazia... hoje, amanhã, ontem, quinta-feira? Era irónico que, mais tarde, iria olhar para este dia como o dia em que tudo começou. O dia depois do qual nada voltaria a ser como dantes.

Mas, naquele momento, até onde Bannerman sabia, era apenas um dia como qualquer outro. Reflexivamente, olhou um pouco mais pela janela a Princes Street, os jardins mais adiante, e o taciturno Castelo que se erguia sobre os penhascos enegrecidos pela chuva. Mesmo quando chovia, Edimburgo era uma bela cidade. Contra todas as probabilidades, manteve o seu carácter primordial face a séculos de mudança. Havia nela algo quase medieval; os becos tortos, escondidos, as estradas de paralelos, os altos cortiços inclinados. E, claro, o formidável porte do próprio Castelo, forte e poderoso contra a linha do horizonte.

No escritório o dia mal havia começado. Os repórteres estavam sentados a ler os jornais daquela manhã, bebendo os seus cafés simples e curando as ressacas.

— Bom dia, Neil.

Bannerman virou-se da janela a tempo de ver George Gorman a passar por si. — Bom dia — respondeu, e olhou atentamente enquanto o vulto fugidio se deslocava até à mesa das notícias. Bannerman nutria de alguma simpatia pelo seu editor. Gorman era um homenzinho elegante, bom no seu ofício, sem ser inspirador, nervoso sob pressão. Um bom homem, à espera, apenas, de ser despedido.

Já haviam sido despedidos vários colegas seus: John Thompson nas reportagens, Alex McGregor no desporto. E tinha havido vítimas na reformulação dos lugares dos estagiários. Na verdade, era inevitável, desde que havia sido anunciado que Wilson Tait estava a ser trazido de Londres para preencher a recém-desocupada posição de editor.

O *Edinburgh Post* nunca foi capaz de ostentar uma circulação particularmente alta. Durante anos viveu da sua reputação como um jornal sério de qualidade e confiança. Era lido por políticos, membros das profissões jurídicas e médicas, professores, académicos. Mas o seu mecenato já não chegava para equilibrar as contas. O lucro era mais importante do que o prestígio. Daí a nomeação de Tait, um jornalista duro da velha guarda; um escocês endurecido da Fleet Street que regressava aos seus antigos territórios de caça e trazia consigo o seu núcleo duro de carrascos, que posicionaria em cargos editoriais importantes. O sangue estava a ser derramado. E só a aproximação das eleições gerais — dali a apenas três semanas — proporcionava um adiamento do despedimento de Gorman. Quando terminasse, ele seria rapidamente posto de lado de forma a abrir caminho para uma das estrelas em ascensão de Tait. E enquanto Gorman era deixado a vegetar calmamente em algum escritório fora de mão com uma tarefa ambígua dada pelo editor, o jornal mover-se-ia lenta, mas seguramente, para uma classe mais baixa do mercado, onde se esforçaria em angariar novos leitores, alienando no processo, quase de certeza, os seus atuais leitores.

Tinha então, pensou Bannerman, que pôr em perspetiva o próprio futuro no jornal. Embora este fosse já uma incógnita. Ele e Tait tinham entrado em conflito, quase que imediatamente, em relação ao papel de Bannerman no *Post*. E não havia amor entre eles.

O telefone tocou na secretária de Bannerman. — Bannerman.

— Bom dia, Neil. Chegaste cedo.

Bannerman sorriu. — O que se passa, Alison?

— O editor quer ver-te.

— Queres dizer que ele também veio cedo?

— Ah! Ah!

— Vou já para aí.

Alison sorriu-lhe quando ele entrou no seu escritório.

— Programaste o alarme uma hora mais cedo por engano?

Bannerman sorriu. Ela era uma rapariga bonita, descontraída, mas muito eficiente. — Na verdade, vim mais cedo para perguntar se estás livre hoje à noite.

— Oh, que bom. Eu, de facto, estou livre, sim. Mas tu não.

Bannerman franziu a testa. — Hum? Sabes de algo que eu não sei?

— Só que vais estar muito ocupado a fazer as malas. Acabei de te reservar o primeiro voo para Bruxelas, na parte da manhã. — Ela acenou para a porta do editor. — Ordens de Sua Alteza Imperial.

Ela viu-o entrar no escritório de Tait e perguntou-se o que havia nele que o tornava tão atraente.

Tait estava curvado sobre a secretária em camisa. Desviou o olhar da papelada momentaneamente, assim que Bannerman bateu e entrou. — Sente-se. Já falo consigo.

Bannerman sentou-se e observou o outro pacientemente. Tait gostava de dar a impressão que recebia os outros a custo, que estes estavam a interromper assuntos muito mais importantes.

Bannerman não ficou impressionado.

O editor era um homem pequeno e tinha a arrogância e a sensação inflada de autoimportância de inúmeros homens pequenos. Uma compensação pela falta de altura. A idade dele era impossível de determinar e poderia ser qualquer uma entre os quarenta e os

sessenta. O seu cabelo era cinzento como aço, cortado rente acima de um rosto feio e atarracado.

Reuniu várias folhas impressas e colocou-as numa pasta antes de olhar para cima novamente. Analisou o seu jornalista investigativo com cautela. Não gostava dele, mas sentia-se intimidado por ele. Pela sua calma, a sua postura vigorosa, a sua óbvia autoconfiança. Bannerman não se sobressaltava como os outros subordinados de Tait. E isso irritava-o.

— Estou a enviar-te para Bruxelas durante algumas semanas — disse ele.

— Hum? — Bannerman esforçou-se por não mostrar surpresa.

— Precisamos de coisas boas sobre a CEE nas semanas posteriores à eleição. Corrupção, fraude, traição política, esse tipo de coisas. Especialmente quando as questões do Mercado Comum receberam tão alta prioridade nos discursos eleitorais dos principais partidos.

Bannerman olhou para ele pensativamente. — Porquê essa vontade toda de me afastar?

Tait inclinou-se para trás no seu assento e olhou Bannerman friamente.

— Porque preciso de tempo para considerar o que vou fazer consigo. É um filho da mãe conflituoso, Bannerman. Um artista solitário. Eu quero construir uma equipa, por aqui, e não há espaço para artistas de rua.

Bannerman franziu os lábios pensativamente e Tait olhou-o com apreensão. Bannerman não era alto, talvez um metro e oitenta, mas era robusto, largo, e dava a impressão de ser um homem maior. Tait sabia pelos registos pessoais que ele tinha trinta e cinco anos, mas teria sido difícil adivinhar se não soubesse. Ele poderia ser mais jovem, ou mais velho. Cabelo forte, escuro, sem um fio cinzento, pendendo descontraidamente sobre a testa. Não era o que Tait considerava um indivíduo bem aparentado, mas tinha uma certa presença, e havia algo de atraente no seu duro olhar azul.

Bannerman disse: — Talvez prefira que eu procure emprego noutro lugar, Sr. Tait. — A voz monótona, inexpressiva.

Tait sorriu maliciosamente. — O problema é que o Bannerman é demasiado bom para ser descartado. Provavelmente o melhor jornalista investigativo na Escócia, neste momento, e bastante conceituado a sul da fronteira. Eu gostaria de o manter. Mas nos meus termos.

— Sinto-me lisonjeado. Talvez devesse pedir um aumento.

Tait riu-se. — Filho da mãe atrevido!

Bannerman inclinou a cabeça. — Contanto que ambos saibamos em que pé estamos. — E sabia que ele ia ter de pensar sobre o seu futuro mais cedo que o esperado.